N.W Rogers

Federal Reserve: A que Custo?

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

N.W Rogers

Federal Reserve: A que Custo?

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Federal Reserve: A que Preço?

Audiência de Apresentação do Sistema Comentando pelo secretário Morrill.

Como dito por N.W Rogers

Tompkins Corners, Nova Iorque,
14 de Janeiro, 1938

Sr. Chester Morrill, Secretário.
Conselho de Governadores
Sistema da Reserva Federal,
Washington, D.C.

Meu querido senhor,

Referindo-se à carta do sr. L. P Bethea de 16 de Setembro de 1937, você diz, em 13 de julho, nela:

"A respeito dos lucros do Sistema da Reserva Federal, deveria ser apontado que os bancos da Reserva Federal não são operados para o lucro, mas para a performance de certas funções quase-governamentais ou públicas. Elas são operadas sujeitas a regulação do conselho de Governadores do Sistema da Reserva Federal e se diferem em aspectos essenciais de corporações organizadas de maneira privada operadas para lucro."

Tais evidências como as disponíveis até 23 de dezembro de 1913 tendem a estabelecer que cada emenda ao original proporcionou maior margem para a acumulação de dinheiro. No seu relatório referente ao ano de 1918, consta ainda que os lucros líquidos foram de $26.728.440, o que representou uma taxa de 72,6%. Já em 1920, após a dedução dos dividendos pagos, observa-se que os Bancos da Reserva ganharam 154,7%; o Banco da Reserva de Nova York obteve 217,7%; e desde novembro de 1914 até 1934, os lucros apenas em títulos do governo acumularam cerca de $264.325.869; somente no último ano mencionado, esse valor atingiu $46.130.941.

Em março de 1935, cerca de $647.000.000 foram, por ordem executiva, retirados de circulação mediante a convocação dos títulos que

lastreavam as notas dos Bancos Nacionais, sendo trocados por notas do Federal Reserve. Mas os Bancos da Reserva Federal, por sua vez, entregaram esses títulos em troca de ouro. Parece, portanto, que nessa transação houve algo sugestivo de fraude, reminiscente do caso da seita do Golden em Califórnia. Ademais, a Lei Federal de Seguro de Depósitos, conforme emendada em 1935, extraiu dos contribuintes cerca de 290 milhões de dólares. Há ainda outras emendas, todas elas evidenciando que o Sistema da Reserva Federal nunca perdeu qualquer oportunidade de aumentar suas imensas acumulações.

Sendo este o caso, inclino-me a acreditar que a sua alegação é enganosa, não estando de acordo com as evidências.

No registro do desempenho de suas funções públicas, ou de certas funções quase-governamentais, consta o relato de uma reunião secreta de autoridades da Reserva Federal, em maio de 1920, publicada no dia 22 de fevereiro de 1923 na revista “Manufacturers Record”, a qual foi posteriormente republicada no “Congressional Record”.

Registro em 23 de fevereiro de 1923, e novamente em 28 de fevereiro seguinte, nas páginas 4632 e 4858, de acordo com os pedidos do Senador Eugene F. Ladd, o qual, tendo lido as cartas que enviei anteriormente, desejo, como conste no registro, citar as observações do Senador Ladd, conforme aparecem na página 4370 do “Congressional Record”, de 23 de fevereiro de 1923, as quais tão bem substanciam o que expus em minhas cartas anteriores. Ele disse:

Estou plenamente justificado ao afirmar que o auge da perfídia oficial e da iniquidade financeira foi alcançado quando o Sistema da Reserva Federal foi imposto ao povo americano pelos banqueiros de investimento do mundo. Com o propósito de derrotar os verdadeiros propósitos reivindicados publicamente por seus patrocinadores, ele não pode ser igualado. Foi um crime nacional imperdoável. Poucos traços redentores foram apresentados pelo que seu originador, Paul M. Warburg, estilizou de forma notória como uma administração. Por meio das manipulações desonestas deste sistema infame, o poder de compra dos agricultores do país foi deflacionado em *$18.000.000.000* em um único ano. Quando paramos para considerar que existem 6.500.000 fazendas nos

Estados Unidos, empregando 13.000.000 de homens, que constituem o maior empregador de mão de obra do país, percebemos imediatamente a magnitude do crime.

Ele produz toda a nossa comida e vestuário e paga quase 60% das despesas de frete, na capacidade de produtor e consumidor. Cada fazenda é uma fábrica prodigiosa de suprimentos que são consumidos nos Estados Unidos: máquinas de debulhar, ceifadeiras, ancinhos, colheitadeiras, tratores, cercas de arame, telhas, todo tipo de maquinaria agrícola e implementos, materiais de construção para casas, celeiros e anexos, árvores frutíferas, fertilizantes, plantas e sementes — tudo isso sugere.

"Agora, é claro como um axioma geométrico que, na mesma proporção em que se reduz o poder de compra do agricultor, diminui-se a prosperidade da Nação na mesma proporção." Diante desses fatos indiscutíveis, é uma vergonha nacional e um escândalo que o Congresso perca tempo considerando uma medida tão iníqua (subsídios a navios — Nota do Editor) quanto a que está em consideração, enquanto o agricultor é empurrado para a falência irremediável pela força de leis injustas e pela administração desonesta e ineficiente de outros.

"Pode-se imaginar algo mais cruel e impiedoso do que a execução hipotecária de uma fazenda e hipoteca que rouba cidadãos industriosos, cumpridores da lei, pacíficos e amantes do país, de anos de trabalho exaustivo, para entregá-las a homens que nunca realizaram um dia de trabalho honesto, nunca produziram um dólar de riqueza, nem prestaram qualquer serviço útil à sociedade, que nada fizeram, de fato, para ajudar o avanço de uma verdadeira civilização ou para fornecer o menor pretexto para sua própria existência?" Compará-los a parasitas que engordam às custas de outros organismos, como fazem os últimos, não intimida, discrimina nem engana suas presas; são vampiros que, com impiedosa indiferença, extraem o próprio sangue vital de suas vítimas indefesas.

"De acordo com John Skelton Williams, ex-Comptroller da Moeda, os ganhos de uma vida inteira foram entregues aos modernos Shylocks por meio da deflação inesperada e totalmente desnecessária da moeda, com a conivência infiel e impiedosa de funcionários do Sistema da Reserva Federal." Esses funcionários públicos, embora apoiados pelo povo e

supostamente servindo ao bem público, não têm interesse no bem-estar geral, nem simpatia pelas massas trabalhadoras, mas dedicam-se inteiramente aos interesses predatórios privilegiados. Sua capacidade predatória insaciável, se permitida continuar, está destinada a arruinar o Governo, as indústrias monetárias e de transporte, e nossos sistemas mais produtivos, retardando e depois revertendo nossa civilização, como outras civilizações foram revertidas no passado pelas mesmas causas. Uma civilização que concentra riqueza enorme nas mãos daqueles que não a produziram, e a retira daqueles que a produzem, deve inevitavelmente evoluir para desordem e desintegração. Os perigos que consideramos são o resultado natural e inevitável do tipo de legislação que estamos adotando agora. Todo o nosso progresso industrial e conquistas materiais não trouxeram os benefícios, vantagens e bênçãos que nosso Criador pretendia, porque permitimos que interesses predatórios privilegiados impusessem leis às custas dos verdadeiros produtores de riqueza da Nação.

A queda chocante do poder de compra do agricultor, resultante da rápida e injustificada queda nos preços dos produtos agrícolas, é evidentemente a principal causa da depressão que começou na indústria agrícola e se comunicou a todos os outros ramos da organização industrial, causando a desarticulação da rede intricada da produção em todo o país. A rápida queda nos preços dos produtos agrícolas, que reduziu em seis vezes e meia o poder de compra dos seis milhões e meio de agricultores, manifestou-se nos artigos e na demanda efetiva por manufaturas e outros produtos, resultando no fechamento de moinhos e fábricas em uma pequena porcentagem de sua capacidade.

A injustiça ao agricultor é a causa primária do desemprego de milhões de homens capazes, dispostos e ansiosos para trabalhar para produzir as coisas essenciais para a satisfação dos outros. A conclusão própria é irresistível, e dessa conclusão não há escapatória: não pode haver paz nem prosperidade até que façamos justiça ao agricultor que trabalha na fazenda e impeçamos os bandidos financeiros que exploram a fazenda. Nunca antes na história desta Nação houve uma demanda tão urgente por honestidade, inteligência e coragem por parte dos representantes do povo

quanto há neste momento. Sua responsabilidade para com o povo nesta grande emergência é grave e solene.

Lembrando que este malévolo conglomerado financeiro foi insidiosamente enxertado nas leis da Nação por um judeu de Hamburgo, Paul Moritz Warburg, auxiliado por outro judeu, Samuel Untermyer, e que, desde sua criação, o Sistema da Reserva Federal demonstrou conclusivamente ser um terrível inimigo da civilização cristã. Se isso fosse verdade, pareceria que o Congresso, diante das evidências, não teria permitido que continuasse seu saque à Nação.

A horda de judeus que tem invadido cada vez mais os cargos governamentais; um judeu Secretário do Tesouro; um judeu “Governador não oficial” de Nova York; um judeu Assistente do Secretário do Tesouro; um judeu Assistente Técnico; um judeu Assistente Comissário; um judeu Diretor de Pesquisa e Estatísticas; um judeu Assistente Diretor; um judeu Advogado Especial dos EUA; um judeu Chefe de Contabilidade; um judeu Chefe, Divisão de Guarda-Livros; um judeu Chefe de Contencioso, Escritório de Alfândegas; um judeu Diretor Médico do Supremo Tribunal de Saúde Pública; dois judeus em Tribunais Circuito e Distritais dos EUA; judeus no Departamento de Estado e o Secretário casado com a filha de Isaac Witz, de Staunton, Va.; judeus no Departamento do Comércio; judeus

no Departamento do Trabalho; judeus no Departamento da Agricultura; judeus no Departamento do Interior; judeus no Departamento da Justiça; judeus na Administração de Obras Públicas; judeus no Conselho de Seguridade Social; judeus no Conselho do Vale do Tennessee; judeus na Autoridade Ferroviária; judeus na Administração de Progresso de Obras; judeus; judeus no Conselho Estatístico Central; judeus nos Bancos da Reserva Federal; judeus na Administração de Crédito Agrícola; judeus na Comissão de Serviço Civil Nacional; judeus no Conselho de Emergência Civil Nacional; judeus no Conselho Consultivo de Negócios; judeus na Comissão de Tarifas; judeus no Serviço Diplomático; judeus na Administração de Emergência Federal de Crédito Público; judeus na Commodity Credit Corporation; etc., etc.

Não está longe da verdade dizer que, à medida que os judeus se insinuaram cada vez mais em nossos assuntos, particularmente desde a administração Wilson, o bem-estar nacional se desintegrou, indo de mal a pior, até que agora se aproxima do ponto em que os judeus haviam chegado na Alemanha antes da ascensão de Hitler. A influência sionista, trazida a Louis Dembitz Brandeis, que traiu a Nação para a Primeira Guerra Mundial, assegura que foi a autoridade judaica que levou o Presidente Wilson a trair a Nação.

Richard H. Edmonds, em editorial de 22 de fevereiro de 1923 no *Manufacturers' Record*, revelou a conspiração secreta de oficiais da Reserva Federal para deflacionar a prosperidade nacional. Enquanto toda a imagem do não-judeu saqueado em todo o globo, como existe hoje, foi prevista e profetizada não apenas nos *Protocolos dos Sábios de Sião*, publicados em 1905, mas também por Comte de Saint-Aulaire, Embaixador francês na Grã-Bretanha de 1920-1924, da seguinte forma:

“Por que os banqueiros de Nova York, junto com o Estado-Maior General russo, são os responsáveis pela Revolução Russa? São eles os autores fortuitos de todas as revoluções, já que, para eles, o conflito entre os interesses de seu país de um lado e a revolução do outro é a revolução que vence? A solidariedade de fé que obtém entre os banqueiros de Nova York e os líderes bolcheviques…

Tiveram sentimentos inspirados entre os judeus por seus sofrimentos na Rússia czarista não é uma explicação suficiente para este paradoxo. O paradoxo não é um mistério.”

Se ele nos chega por conta própria, é um mistério, mesmo quando os guardiões do templo em Budapeste não se rendem em 1919, poucos dias após a queda romena. Bela Kun, expulso da Hungria pela ofensiva romena, tendo se tornado uma excelente base para os bolchevistas pela conquista da Europa Central, havia se tornado o quartel-general dos bolchevistas. Poucos dos mais eminentes estrategistas da revolução se instalaram em Budapeste sob o disfarce de missões comerciais, financeiras e humanitárias que devastavam as missões do Danúbio. A maioria dos postos, após a bolchevização, permaneceu em suas posições na cidade após a ocupação romena. Para evitar protestos da parte do Conselho Supremo em Paris, os libertadores da Hungria não haviam expulsado todos os estrategistas da revolução. Nessa ocasião, todos os trovões do Conselho foram reservados, não para os bolchevistas, mas para o gendarme romeno que havia suprimido essa anarquia sangrenta apesar de si mesmo. No ano seguinte, a Polônia salvou a Civilização Ocidental pela segunda vez ao repelir as hordas soviéticas. A pressão exercida sobre a Romênia, primeiro para impedi-la de ocupar a Hungria, depois para compelir sua evacuação completa antes que ela se recusasse a obedecer ao Conselho Supremo, foi tão longe quanto uma ameaça de anular e invalidar o compromisso que os Aliados haviam assumido na guerra contra as Potências Centrais. O General Smuts, o delegado da África do Sul no Conselho Supremo, foi até encarregado de uma missão especial junto a Bela Kun, que, embora inimigo de todos os governos aliados, era visto como aliado de seus governos contra outra nação aliada. Observemos que, se a Liga ainda não tivesse existência oficial — era o Tratado de Versalhes que já seria seu certificado de nascimento — nessa ocasião já estava funcionando secretamente. Ele até tentava, em favor do bolchevismo, na Polônia, em 1920, diante do ataque soviético.

Em ambas as crises, a inspiração veio da mesma fonte. Em 1919, o Presidente Wilson, o padrinho, o mestre, o pai da Liga das Nações, forçado pela adoção do Conselho Supremo em 1920 a favorecer parcialmente o

bolchevismo, mesmo quando Wilson já havia abandonado o cenário, o mesmo instrumento dos poderes ocultos de que ele era o instrumento ainda explica como os aliados mascarados dos soviéticos protegeram Bela Kun, que permaneceu em Budapeste após sua derrota, e como foi possível aos Libertadores encontrá-los nas mesas das missões aliadas das quais alguns deles eram membros. O fato foi muito conveniente para eles e permitiu que cumprissem sua outra missão. Eles bebiam Tokay com tanto gosto em suas mesas quanto na mesa de Bela Kun, e quando bebiam mais Tokay do que as crianças que eram seus protegidos oficiais haviam bebido leite, suas línguas se soltavam. Um número de revolucionários judeus húngaros que haviam sido expulsos da Hungria estavam lá, que haviam sido expulsos da Hungria após a armistício. Eles usavam uniformes americanos. Seus relatórios ao Conselho Supremo inspiraram a política de Wilson na Europa Central. Eu retenho em minha memória a conversa na mesa de um desses saguazes, na qual eu estava em uma dessas mesas internacionais que são a melhor escola, mas também o recife mais perigoso para a diplomacia. Ele havia se tornado diretor de um grande banco de Nova York bolchevique, um daqueles que financiavam a revolução bolchevique. Ele não estava financiando, no entanto, “fixado no chão como uma caixa forte”, disse Louis Philippe Pierrier. Pelo contrário, ele tinha inteligência para fazer qualquer esforço em sua especialidade para alcançar regiões mais altas. Como um bom Oriental, seu discurso era revestido de imagens às quais sua mente ativa dava um desenvolvimento intelectual. Um convidado perguntou-lhe como era possível que as altas finanças protegessem o bolchevismo, um sistema hostil à propriedade móvel, cuja existência é necessária para a indústria bancária, e também às riquezas representadas pela terra e pelos edifícios, que não são necessárias para a atividade bancária. Nosso amigo, que naquela época estava à frente de uma missão de assistência aos que não tinham pão, esvaziou de um gole um grande copo de Tokay, fez uma pausa por um instante, puxou com força seu enorme charuto, que havia custado cinco francos de ouro, e então disse:–

“Aqueles que se espantam com nossa aliança com os soviéticos esquecem que a nação de Israel é a mais nacionalista de todos os povos, pois é a mais antiga, a mais unida e a mais exclusiva. Esquecem que seu

nacionalismo é o mais heroico, porque sustentou as mais terríveis perseguições. Esquecem que é também o nacionalismo mais puro, já que é o mais espiritual; existiu ao longo dos séculos apesar de todos os obstáculos, sem nenhum território que lhe desse força. Como o papado, é ecumênico e espiritual. Mas seus olhos estão voltados para o futuro, e não para o passado, e seu reino é deste mundo.

Eis por que ele é o sal da terra; e, no entanto, como se diz nos bulevares, é 'le plus de sel' dos nacionalismos, o que significa que o mundo o consome e o despoja."

✠✠✠

Quando alguns dos convidados receberam a última afirmação com um sorriso irreprimível, o sábio de Sião replicou com este comentário:

"Quando digo 'despoja', quero dizer que o vinho do nosso nacionalismo é o mais bebível do mundo; tem o mais fino buquê, e as nações do mundo o absorvem com a maior facilidade, com prazer e sem dor de cabeça na manhã seguinte. Mas, voltando ao tema do sal, você conhece o dito dos homens que salgam bacalhau? Eu o aprendi nos bancos de pesca da Terra Nova. Ei-lo: 'Sal demais corrói a carne; sal de menos a deixa apodrecer'.

O preceito pode ser aplicado com justiça tanto ao espírito humano quanto aos povos da Terra. Nós, judeus, o aplicamos sabiamente, como deve ser aplicado, sendo o sal o emblema da sabedoria. Misturamo-lo discretamente ao pão que os homens consomem. Administramo-lo em doses corrosivas apenas em casos excepcionais, quando é necessário livrar-se dos detritos de uma parte imoral, como no caso da Rússia czarista. Isso lhes dá uma explicação parcial de por que o bolchevismo encontra favor aos nossos olhos; é uma admirável tina de salga na qual se corrói e se destrói, e não se preserva.

Mas, para além e acima desse caso particular, estamos em comunhão com o marxismo em sua forma mais pura, no âmbito da Internacional; em outras palavras, com a nossa religião, porque ela é a arma do nosso nacionalismo, ora defensiva, ora ofensiva, escudo e espada." Você dirá que

o marxismo é a própria antítese do capitalismo, que também nos é igualmente sagrado. É precisamente pelo fato de serem opostos diretos um ao outro que eles colocam em nossas mãos os dois polos deste planeta e nos permitem deslocar o seu eixo. Esses dois contrários, como polos opostos, e nós mesmos, encontram sua identidade no internacional. Esses opostos, que estão nos antípodas um do outro na sociedade e em suas doutrinas, reencontram-se na identidade de seu propósito e de seu fim: a remodelação do mundo, de cima para baixo pelo controle das riquezas, e de baixo para cima pela revolução. Durante séculos, Israel foi segregado do cristianismo, empurrado para o gueto para exibir aos fiéis aquilo que se chama a prova da lei antiga, numa humilhação que eles declaram ser o castigo pelo crime de ter matado Deus. E esse destino nos salvou e, por nosso intermédio, salvará a humanidade. Desse modo, preservamos nosso gênio e nossa missão divina. Hoje somos nós os verdadeiros fiéis. Nossa missão consiste em promulgar a nova lei e em criar um Deus, isto é, em purificar a ideia de Deus e realizá-la quando chegar o tempo. Purificaremos essa ideia identificando-a com a nação de Israel, que se tornou seu próprio Messias. O advento disso será facilitado pelo triunfo final de Israel. Nestas ideias encontramos o nosso Novo Testamento, no qual reconciliamos reis e profetas, assim como Davi, o profeta-rei, os uniu em sua própria pessoa. Somos reis para que as profecias se cumpram, e somos profetas para que não deixemos de ser reis.”

✠

Então o “rei-profeta” bebeu mais um copo de Tokay. Um cético levantou esta objeção:

“Vocês não correm o risco de se tornar os mártires desse Messias do qual são profetas e apóstolos? Pois, embora o seu nacionalismo possa ser despojado, ele também às vezes despoja outras nações. Se vocês desprezam as riquezas, não as rejeitam por completo, mas as utilizam não como meio de gozo, e sim de poder. Como é possível que o triunfo da Revolução Universal, destruidora e negadora do capitalismo, prepare o triunfo de Israel, que é a arca sagrada desse mesmo capitalismo?” “Não ignoro o fato de que Jeroboão difundiu o culto do Bezerro de Ouro de Dã a

Betel, e de que a Revolução é, em nossos dias, a principal sacerdotisa desse culto e a mais diligente provedora de seus tabernáculos. Se o Bezerro de Ouro ainda está de pé, seu pedestal mais confortável é, sem dúvida, o túmulo dos impérios. Antes de tudo, a revolução nunca é senão o deslocamento de privilégios que nascem da riqueza. Não é a criação das riquezas, nem mesmo a sua exploração, que alimenta o Bezerro de Ouro; é sobretudo a mobilização da riqueza, a alma da especulação, que o alimenta. Quanto mais frequentemente a riqueza muda de mãos, mais dela permanece em nossas mãos."

Somos os corretores que recebem comissões sobre todas as trocas; ou, se você preferir a expressão, somos os cobradores de pedágio que controlam as encruzilhadas do mundo e arrecadam um tributo sobre todos os movimentos dessa riqueza "anônima e errante", quer tais movimentos ocorram de país para país, quer sejam as flutuações dos preços de mercado. Aos cantos calmos e monótonos da prosperidade, preferimos as vozes passionais, alternadamente elevadas, da alta e da baixa dos valores de mercado. Nada as excita tanto quanto uma revolução, a menos que seja uma guerra, que também é uma revolução. Além disso, a revolução enfraquece as nações e as coloca numa condição em que menos podem resistir a empreendimentos estrangeiros. A saúde do nosso Bezerro de Ouro exige a doença de certas nações, aquelas que são incapazes de se desenvolver por seus próprios esforços. Ao contrário, estamos em estreita associação com os grandes Estados modernos, como França, Inglaterra e Estados Unidos, Itália etc., que estão representados nesta mesa.

Eles nos receberam com generosa hospitalidade e, com eles, colaboramos para o progresso da civilização. Por outro lado, tomemos como exemplo a Turquia antes da guerra, "o homem doente da Europa", como costumavam dizer os diplomatas. Esse "doente" era necessário para a nossa saúde, pois nos concedia concessões de todo tipo: bancos, minas, portos, ferrovias etc. Toda a vida econômica da Turquia foi confiada a nós. Cuidamos dele tão bem que ele morreu do tratamento, ao menos no que dizia respeito à Turquia europeia.

Vendo as coisas do ponto de vista vulgar da acumulação de riquezas com o objetivo de cumprir nossa missão, queríamos outro “doente”. Essa necessidade, por si só, teria sido razão suficiente, acima de quaisquer considerações mais elevadas, para inocular a Rússia pré-guerra com o bolchevismo.

A Rússia é o homem doente dos tempos do pós-guerra, muito mais nutritivo para nós do que o Império Otomano e muito menos capaz de se defender. A Rússia é o nosso novo banquete. Em breve será um cadáver, e nossa única dificuldade será esquartejá-lo.

✠

“No outro extremo da mesa estava sentado um co-religioso. Ele era o ‘enfant terrible’ da sinagoga e esperava pelo momento psicológico para inserir sua palavra. Ele gritou: ‘Eles nos tomam por aves de rapina, somos antes aves de carniça.’

‘Bem, sim, se você insiste’, replicou o apologista pela nova fé, 'mas por favor acrescente que somos aves de carniça morais, assim como em países onde a saneamento e higiene estão em condição rudimentar, para a saúde física do público há outras aves de carniça. Acrescente também que esse dinamismo essencial faz uso de forças de destruição e forças de criação, mas usa primeiro as primeiras para nutrir as segundas. Quais foram os primeiros países a nutrir a Turquia pré-guerra, a Rússia pré-guerra e até a Hungria pré-guerra com seu regime feudal e sua latifúndia? Eles paralisaram todos os movimentos do mundo. Eles eram antes coágulos de sangue na circulação da Europa que poderiam trazer sua morte ao obliterar seus vasos sanguíneos vitais. Ao dissolvê-los, restauramos o sangue circulante através do corpo inteiro. Se, no curso da operação, algumas gotas desse sangue liquefeito forem espalhadas, por que deveríamos perturbar um benefício imenso por um preço tão pequeno?

Um de nossos compatriotas disse que nós, como povo, somos uma maioria organizada revolucionária. Outro disse que somos conservadores de nós mesmos. Na gestão do Novo Mundo, damos prova de nossa organização tanto para a revolução quanto para o conservadorismo. Nossa organização para o bolchevismo e para a construção pela criação da Liga

das Nações, que é também nossa obra. O bolchevismo é o acelerador e nossa Liga é o freio no mecanismo.

O que é nossa missão? Israel é uma nação sintética e homogênea formada de elementos dispersos pelo mundo inteiro, mas fundidos na chama de nossa fé. Somos uma Liga das Nações que contém os elementos de todas as outras. É esse fato que nos qualifica para unir as nações ao nosso redor. Somos acusados de ser o agente que dissolve as nações. Só nos pontos em que a síntese de elementos naturais atua como dissolvente, e os meios pelos quais agimos como exemplo. Não quebramos a superfície exceto para despertar nas profundezas as afinidades abaixo que ainda não se reconhecem mutuamente. Não somos o maior divisor comum das nações exceto para nos tornarmos o maior federador comum das nações. Israel é o microcosmo e o germe da Cidade do Futuro."

✠✠✠

Que nosso Chefe do Executivo esteja plenamente de acordo com o desígnio talmúdico de conquista mundial, tão vividamente retratado na citação precedente, disso há pouca dúvida, visto que, aproximadamente na mesma época, o *New York Times*, de 13 de agosto de 1920, noticiou que ele declarou, em um discurso em Milwaukee, que os opositores da Liga das Nações eram "um punhado de trapaceiros". Além disso, como presidente da *United European Investors, Ltd.*, que negociava moedas estrangeiras sujeitas a flutuações, e por meio de suas atividades ligadas à corporação holding Cmac, ele evidenciou uma tendência que tem caracterizado de modo singular a raça judaica: a acumulação, em vez da produção.

A insinceridade e o conflito radical entre profissão e prática; a "vida mais abundante", a expulsão dos cambistas do Templo etc. etc.; os ataques vitriólicos contra a riqueza corporativa — tudo isso são, manifestamente, tentativas fraudulentas de embalar o povo numa apatia hipnótica, enquanto aquela corporação holding imperial e suprema, o Federal Reserve, mina insidiosamente a nossa Nação para alimentar o Bezerro de Ouro. O Federal Reserve maligno e letal, com seu regimento de judeus para protegê-lo, pode muito bem ser a causa incitadora de uma onda de antitalmudismo tal

que venha a acarretar a expulsão de todo o enxame parasitário, como já ocorreu na Alemanha.

Muito sinceramente,
N. W. Rogers.

Deutscher
WECKRUF und BEOBACHTER

178 EAST 85th STREET, SALA 5, NOVA YORK, N. Y.
Caixa Postal 24 — Estação K

Tel.: BUtterfield 8-8797

Vol. 3, Nº 32. Quinta-feira, 3 de fevereiro de 1938
Publicado semanalmente Preço da assinatura: US$ 3,00 por ano

LORD BYRON SOBRE OS JUDEUS
Canto 15
de
A ERA DO BRONZE

Ou vire para navegar entre aquelas rochas movediças,
As novas Simplégades — as ações esmagadoras,
Onde Midas poderia novamente contemplar seu desejo
Em papel real ou ouro imaginado.
Aquele palácio mágico de Alcina que a Grã-Bretanha já mostra perder,
Mais riqueza do que átomos de minério não explorado,
E todas as suas pedras preciosas, enquanto o Rumor segura a aposta.
E o mundo treme para que os corretores quebrem.
Quão rica é a Grã-Bretanha, não em paz nem em abundância,
Nem em óleo, nem em minas, nem em vinhos;
Nem na terra de Canaã, cheia de leite e mel,
Nem (salvo em shekels de papel) em dinheiro pronto:
Mas deixemos que nos recusemos a possuir a verdade:
FOI ALGUM DIA CRISTÃO COM SUA TERRA TÃO RICO EM JUDEUS?
Rei João partiu com seus dentes cristãos para o bem,
E agora, vós reis! eles gentilmente vos convidam a tirar o vosso;
Todos os estados, todas as coisas, todos os soberanos eles controlam,

E, com um empréstimo, o banqueiro — corretor — barão — irmão — aceleram
Para ajudar esses tiranos falidos em sua necessidade.
Nem essas especulações frescas seguem cada sucesso;
E a filantrópica Israel drena com sua porcentagem branda
A exaurida Espanha;
Não sem ouro, não sem aço, pode a semente de Abraão marchar;
Dois Judeus, um povo escolhido, podem comandar
O arco do conquistador em todo reino:
Em todo reino eles mantêm a terra prometida pelas escrituras aos romanos, e a sustentam
O Hun maldito, mais brutal que o antigo.
Dois Judeus — mas não com todo o espírito da seita dos samaritanos.
O que é a felicidade deles, este “Novo Jerusalém”,
Onde baronias e ordens tanto convidam e ordenam?
Oh, santo Abraão, vês tu a visão real,
Teus seguidores misturando-se com esses porcos reais,
Que não cuspem “na sua túnica judaica”,
(Mas honram-nos como parte do espetáculo —
Onde agora, papa, favoreces Judá a chutar contra os espinhos?)
Ou será que cessou de favorecer Judá a “chutar contra os espinhos”?
Ou será que a praia de Shylock os contempla de novo,
Para arrancar dos corações das nações a sua “libra de carne”.